

Visualidades indígenas no Instagram¹

Rafael Sbeghen HOFF²

Rebeca Vilhena FREITAS³

Bárbara Fernandes da COSTA⁴

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

Como se dão as autonarrativas de jovens indígenas em contexto urbano pelo Instagram? Quais traços do contemporâneo se manifestam nessas apropriações e acoplamentos tecnológicos da cultura digital entre esses jovens indígenas? As questões norteiam a Pesquisa de Iniciação Científica relatada neste texto, vinculada à pesquisa *Imagens Amazônicas: produção, circulação e consumo imagético em portais de notícias*, desenvolvida entre 2019 e 2020. Foram analisados os discursos, conteúdos e imagens das postagens em quatro perfis de jovens auto identificados como indígenas, das etnias Tupinambá, Macuxi e Wapichana. O resultado aponta para um discurso de resistência e resgate dos traços culturais como processo de afirmação identitária desses jovens, prevalecendo sobre temas como Arte, Sexualidade e Território.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; identidade; indígenas; Instagram; telas.

INTRODUÇÃO

O jovem indígena urbanizado constrói narrativas sobre si e sobre o mundo, dando-lhe significado por meio de processos de midiaticização audiovisual, constituindo culturas híbridas contemporâneas. Essa constatação faz parte das considerações finais do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) desenvolvido pelas acadêmicas de graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, Rebeca Vilhena Freitas e Bárbara Fernandes da Costa, essa última bolsista Fapeam. O trabalho procurou descrever de que

¹ Trabalho apresentado no GP Televisão e Televisualidades, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, outubro de 2021.

² Graduado em Jornalismo, mestre em Letras e Cultura Regional, doutor em Ciências da Comunicação e Informação, docente permanente do PPGCOM-UFRR, docente do curso de Jornalismo da UFAM, orientador do Projeto de Iniciação Científica *Identities indígenas urbanas: autonarrativas contemporâneas midiaticizadas*, e-mail: rafael.hoff@yahoo.com.br.

³ Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UFAM, e-mail:

⁴ Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UFAM, e-mail:

forma como se dão os acoplamentos e apropriações dos dispositivos e artefatos da cultura digital entre os jovens indígenas vivendo em regiões urbanas. A pesquisa se justifica por se tratar de um processo de midiaticização contemporâneo e sensível às pesquisadoras – o uso do Instagram. Além disso, a proponente do projeto possui em sua árvore genealógica (avó) descendência indígena, o que lhe sensibiliza ainda mais o tema. Por fim, o fenômeno comunicacional das auto-narrativas de jovens, vivendo em contextos urbanos, tratando sobre sua ancestralidade e/ou relação com a etnia indígena motivou as jovens a proporem e desenvolverem a pesquisa.

Para embasamento teórico foram sugeridas leituras de Stuart Hall (2006), com ênfase nos processos de identificação, procurando nesse conceito uma abertura para a reflexão crítica sobre as identidades desses jovens e sobre o conceito de identidade indígena. A pauta carece de um olhar apurado pois traz reflexos diretos à vida acadêmica e à cidadania, uma vez que o país possui políticas públicas voltadas aos povos originários, entre os quais as nações indígenas se encontram. Exemplo disso são as cotas para acesso às universidades públicas, a partir de autodeclarações que resultam em processos de heteroidentificação. É do autor a explicação:

As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas. De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes – advindas, especialmente, da erosão da “identidade mestra” da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos. (MERCER, 1990 apud HALL, 2006, p.20-21)

A partir dessa premissa apontada por Hall (2006), passamos a adotar a cultura digital desses jovens indígenas como uma espécie de atualização ou desconstrução dos imaginários e estereótipos tão presentes em nossa sociedade, ainda impregnados do discurso carregado pelo “exotismo” e pelo “estranhamento” do olhar de estrangeiros em viagens pelo Norte do Brasil e seus relatos sobre os contatos com as tribos indígenas na Amazônia. Como o próprio autor propõe:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes,

descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2006, p.21)

Além do aspecto de acoplamento e apropriação tecnológica desses jovens, em contradição à ideia de povos “primitivos” ou “sub-desenvolvidos”, presente nos discursos do “homem branco”, a pesquisa buscou também privilegiar a diversidade territorial/espacial, compondo o *corpus* empírico com perfis de jovens indígenas de diferentes regiões do país. No entrelaçamento das potencialidades de uma pesquisa científica, foram percebidos que os conceitos e termos acionados para o processo não são inócuos. A questão territorial, por exemplo, se mostrou importante para a discussão proposta, tal como aponta Hall (2006):

A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. (HALL, 2006, p. 49)

Justamente na direção oposta desse “teto-político”, a pesquisa buscou identificar as particularidades e as singularidades sobre as características étnico-identitárias e culturais desses jovens a partir das suas relações com a ancestralidade, por meio de diferentes traços culturais presentes no discurso midiático através do Instagram.

A escolha por jovens “destribalizados” ou fora das suas comunidades originais se deu pela intenção de mapear e descrever essas realidades vividas em contextos urbanos por jovens que utilizam o Instagram com o intuito de discutir suas vivências a partir dessa identificação como jovens indígenas. Acionamos então o conceito de contemporâneo proposto por Agambem (2009) para a reflexão:

contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver a obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009, p. 63)

Jovens indígenas narrando experiências por meio de dispositivos digitais conectados à internet talvez constitua, ao olhar dos pesquisadores, um exemplo desses espaços simbólicos “obscuros” no contemporâneo. Para o autor, a obscuridade não é a “não-visão”, mas o resultado das atividades celulares presentes no sistema ocular. Com

essa figura de linguagem, ele reforça a intencionalidade e a ação investigativa do pesquisador no processo de produção de sentidos sobre o objeto analisado, configurando a tal contemporaneidade. O conceito de contemporâneo, está ligado a um ideal de abstração, tendo em vista a busca incansável pelo “novo” e atual que a sociedade trava.

Nesse tempo presente, passamos então a reconhecer o papel da mídia na construção do conhecimento sobre o mundo e na profusão de discursos vários, configurando um mosaico amplo e complexo de processos de identificação e silenciamentos, validações e negações de diferentes ordens, numa ação sutil e cotidiana. “Los médios non son entes monolíticos. Su influencia, más que por imposición violenta, se realiza sutilmente, por complicidad, por ausência de otros mecanismos jurídicos que normen y legislen su funcionamiento en las sociedades contemporâneas” (OROZCO, 1997, p.26).

Pessoas com os mais diferenciados perfis encontram na rede social uma forma de democratizar o conhecimento e/ou experiências. Comunicando suas vivencias e propondo debates sobre os mais variados assuntos, o papel de consumidor de informações se mistura ao papel de produtor de conteúdo.

O Instagram é uma rede social que permite o compartilhamento de fotos e vídeos de maneira instantânea, e que possui cerca de 800 milhões de usuários no mundo⁵. No Brasil é a terceira rede social mais utilizada e apresenta um crescimento de 5% por trimestre⁶. É uma plataforma que possibilita a conectividade de maneira simples e fluida, por adotar uma linguagem icônica e uma navegação intuitiva. Atualmente, não se restringe à superficialidade e/ou a uma única forma de expressão (textual, imagética, sonora), mas congrega várias linguagens, tendo em vista que muitos usuários têm utilizado inclusive como ferramenta de autopromoção e fonte de renda.

No território brasileiro, a cultura sempre apresentou sua dinamicidade e adaptação em diferentes âmbitos, uma vez que ela é dinâmica, múltipla, e num mundo globalizado onde as fronteiras se tornam “borradas” pela amplitude que os meios de comunicação dão às várias vozes étnicas que compõem o mosaico social e geográfico brasileiro. Quando

⁵ <https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-do-instagram-existem-no-brasil-mundo-2017/>

⁶ <https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-bate-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-ativos-116344/>

se refere à cultura indígena, as regras também se aplicam. É notável que, apesar do acesso aos meios físicos e digitais de comunicação ter sido ampliado nos últimos anos, permitindo à população poder acessar às informações, o pensamento de etnocídio e colonialismo se mantém presente quando tratamos de compreender a questão dos povos originários no contexto atual. O imaginário social é alimentado por discursos midiáticos e midiaticizados que se apoiam na ideia de povos com características romantizadas e exóticas, estagnadas no tempo e afirmam seu apagamento étnico e populacional.

A realidade se mostra bem diferente daquela que nos é ofertada pelos meios de comunicação de massa. A cultura não pára no tempo, mas sim, se adapta ao meio e com os povos indígenas, isso não seria diferente. Mais do que uma ciência idealista ou normativa, o que move esse projeto é uma proposta de registro das dinâmicas sociais e culturais indígenas, em específico dos jovens residentes em áreas urbanas, partindo da perspectiva das singularidades em sistemas complexos (MORIN, 2005, 2000, 1997). De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo de 2010⁷, no território brasileiro 896.917 indivíduos se autodeclaram indígenas, contabilizando 305 etnias diferentes em toda a extensão do país. Em sua dimensão continental, o Brasil abriga uma variedade étnica originária que está em constante processo de adaptação e luta por visibilidade e respeito. Afim de assegurar os direitos indígenas no país, em dezembro de 1973 foi criado o "Estatuto do Índio", que consiste em um conjunto de leis que visam a proteção dos direitos civis e políticos aos indígenas, como por exemplo, garantir a permanência em suas terras (bem como, a demarcação das mesmas), saúde, educação e respeito às tradições. Para promover e proteger esses direitos da população indígena, em 1967 foi criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Apesar da criação de leis e instituições que visam prezar pela segurança dos direitos aos indígenas, as populações estão longe de ter pleno acesso, o que torna sua existência uma luta diária contra a invisibilização e o preconceito.

Na luta por visibilidade dos povos indígenas, tanto aqueles que são aldeados quanto os que estão inseridos em contexto urbano procuram galgar cada vez mais espaço em organizações digitais midiáticas, meio esse que impulsiona a circulação de narrativas sobre suas vivências e batalhas por existência e direitos. Essas narrativas constituem uma

⁷ Precisamos inserir o link de onde essa informação pode ser encontrada.

forma de compartilhar informação em uma perspectiva pessoal, a fim de ter sua história contada por si, gerando uma espécie de empoderamento pela descentralização do poder enunciativo e uma forma de adaptação (tecnológica, cultural, comunicacional) da tradição de contar histórias, antes predominantemente oralizadas, agora em meios digitais.

Outro elemento importante para a constituição do cenário comunicacional midiático tomado como objeto empírico desta pesquisa repousa na crise sócio-político-cultural enfrentada pelos povos indígenas desde a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018 e início do seu mandato em 2019. Em 16 de agosto de 2019 o presidente eleito manifestou durante uma entrevista o seu posicionamento contrário à demarcação de terras indígenas: “Tem locais aqui que para produzir alguma coisa, você não consegue, porque não pode seguir em uma linha reta para exportar ou vender, porque precisa desviar de algum quilombola ou terra indígena. Se eu fosse fazendeiro, não vou falar o que eu faria não, mas eu deixaria de ter dor de cabeça” (<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-enquanto-eu-for-presidente-nao-tem-demarcacao-de-terra-indigena/>). Além disso, o governo federal tem se mostrado conivente com a exploração e apropriação de terras indígenas, indiferente ao apelo das etnias que por direito são responsáveis pelas terras, como atestam diversas matérias jornalísticas (<https://apublica.org/2020/05/com-bolsonaro-fazendas-foram-certificadas-de-maneira-irregular-em-terras-indigenas-na-amazonia/> e <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/bolsonaro-volta-a-defender-mineracao-em-terras-indigenas,cfd46e49ba9a38af608b8031f5b350ecgmd6o993.html>).

Como aponta o pesquisador Boaventura de Sousa Santos:

Na América Latina os camponeses estão a viver uma nova dimensão da crise causada pelo novo interesse do capitalismo global na compra de terra. Trata-se da aquisição massiva de terra por parte de empresas multinacionais, agentes financeiros e mesmo Estados estrangeiros que fazem tábua rasa dos direitos ancestrais dos camponeses e os expulsam do seu mundo rural. Por sua vez, os povos indígenas da América Latina têm contribuído decisivamente na duas últimas décadas para dar visibilidade à dimensão civilizacional da crise, ou seja, para a concepção da crise global do capitalismo, não apenas como crise de um modo de produção, mas sobretudo como crise de um modo de vida, de convivência e de relação com a natureza. (SANTOS, 2018a, p.678)

É nessa perspectiva que o estudo procura identificar as manifestações e narrativas de si que manifestam os processos de identificação indígena, midiática, dos jovens no contexto urbano. Da perspectiva de mediações que transcendem e subvertem os códigos previstos pelo discurso hegemônico midiático (MARTIN-BARBERO, 1991) sobre a identidade indígena, questionamos: “Como se dão as narrativas identitárias de jovens

indígenas em contexto urbano no Instagram?”. A partir deste problema de pesquisa, partimos para o recorte sobre o objeto empírico e, no encontro deste, permitimos emergir a necessidade de ferramentas e procedimentos metodológicos que auxiliem na construção de respostas possíveis.

Mais do que um pensamento estruturalista do saber, com teor normativo, essa pesquisa aponta para as epistemologias do Sul (SANTOS, 2018a, 2018b) como propostas de construção dos saberes a partir das vivências, pelas observações das idiossincrasias tal como se colocam na vida e da construção de uma universidade polifônica:

Que exercita seu compromisso de forma plural, não só em termos de conteúdo substancial, mas também em termos institucionais e organizacionais. Uma universidade polifônica é uma universidade cuja voz comprometida é composta não somente por muitas vozes, mas é, acima de tudo, composta por vozes que são expressas por meio de duas formas – convencional e não convencional -, em processos de aprendizado orientados por diploma ou não orientados por diploma. [...] uma universidade que justifica sua singularidade institucional através do engajamento em criatividade institucional e até em subversão. (SANTOS, 2018b, p. 682).

Dando espaço às vozes indígenas manifestadas por uma linguagem predominantemente imagética (característica desse ambiente digital), a pesquisa procura associar os temas contemporâneos às sensibilizações e temas que despertam o interesse dos pesquisadores associados a esta investigação, professor e estudantes de Jornalismo da UFAM.

DESENVOLVIMENTO

Jovens indígenas urbanos, como Julie, Wes, Moara e Gustavo têm utilizado seus perfis na plataforma para falar sobre suas histórias, vivências e experiência, a fim de ampliar o debate sobre identidades indígenas inseridas em um meio urbano pós-moderno. Moara é Tupinambá. Julie Dorrico é Macuxi. Wescritor é Tupinambá de Olivença. Gustavo Caboco é Wapichana.

Nosso corpus de análise é constituído por quatro perfis, na plataforma digital Instagram, de jovens indígenas em contexto urbano. Esses jovens, entre 22 e 36 anos, utilizam as mídias sociais digitais para compartilhar suas experiências pessoais de vivências. Os perfis são: @moarabrasil, @wescritor, @gustavocaboco, @dorricojulie. Observando o perfil de 4 jovens, representantes de três etnias indígenas, procuramos compreender como se dá o processo de autoafirmação identitária em um meio midiático tão abrangente.

O Instagram, tomado nesta pesquisa como plataforma em que a comunicação midiática foi analisada, é uma rede social que permite o compartilhamento de textos, fotos e vídeos de maneira instantânea, e que possui cerca de 800 milhões de usuários no mundo. No Brasil, é a terceira rede social mais utilizada e apresenta um crescimento de 5% por trimestre (<https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-bate-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-ativos-116344/> e <https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-do-instagram-existem-no-brasil-mundo-2017/>). A plataforma possibilita a conectividade de maneira simples e acessível (navegação e usabilidade intuitivas), facilitando o processo migratório dos internautas mais jovens, que deixaram de utilizar o Facebook (ainda que os perfis não sejam apagados) para utilizarem de maneira mais intensa o Instagram. Além disso, a plataforma também disponibiliza a ferramenta de mensagens diretas a outros usuários/perfis, tudo por meio da tela de *smartphones* (principal meio de acesso à plataforma). Um diferencial dessa plataforma em relação ao Facebook é que um usuário pode ter mais de um perfil, com vários usos possíveis (organizacional, pessoal, temático...), incluindo a postagem simultânea de vídeos e fotos nas duas plataformas em seus perfis.

Para estudar esse ambiente digital usamos metodologias como Estudos de Redes Sociais e Análise Etnográfica (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Também foram aplicados sobre os conteúdos a Análise de Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 2002; ORLANDI, 2003; MAZIÈRE, 2007) e Análise do Conteúdo (FRANCO, 2005), além de análise de imagens (SOUSA, 2006; BAUER; GASKEL, 2008).

A delimitação do período de análise coincidente entre os quatro perfis foi definida arbitrariamente de janeiro a julho de 2020. As postagens formaram coleções temáticas, com categorias de análise que emergiram do encontro entre os pesquisadores e o objeto, tal como preconiza a epistemologia da Complexidade (MORIN, 2005, 2000, 1997). A partir de percursos, leituras e o próprio processo de composição dessas coleções temáticas, foram aplicadas as técnicas de análise para fazer emergir do objeto empírico suas características, suas relações e suas subjetividades.

APONTAMENTOS SOBRE A ANÁLISE

Este texto, assim como a pesquisa, faz parte de um Projeto de Pesquisa institucionalizado na UFAM, sob orientação e execução do docente que assina esse texto, e portanto não tem a pretensão de encerrar o assunto, mas pelo contrário, iniciar aproximações ao objeto empírico *Imagens Amazônicas*. Das análises empregadas sobre os perfis do Instagram aqui descritos pode-se inferir que os jovens componentes dessa pesquisa, que vivem em contexto urbano, passam por uma retomada ancestral. Essa retomada é marcada pelo embate promovido a partir de suas trajetórias de vida, com distanciamentos e “apagamentos” de suas identidades indígenas em nome de uma identidade sob o “teto-político” nacional. Por consequência disso, os conflitos e os processos de retomada são cada vez mais marcantes entre as gerações que sucedem no contexto urbano de identidades indígenas. A memória coletiva e a etnicidade, em constante retomada na subjetividade dos sujeitos analisados a partir das narrativas midiáticas, se tornam elementos importantes para o autoconhecimento e de processos identitários indígena contemporâneos.

Em média foram analisadas 150 postagens no Instagram, sendo estas 45 postagens de Moara Tupinambá, 18 postagens de Gustavo, 9 de Wesley e 35 Julie Dorrico. Para analisar as postagens personalizamos categorias para cada personalidade, estas que ficaram contabilizadas em 8 categorias, sendo destas: 7 categorias para as postagens de Moara, 2 categorias para as de Gustavo, 2 para as de Wesley e 3 para as de Julie Dorrico.

As categorias contempladas com postagens de Moara foram: Apoio, Artista, Conhecimento, Família, Mulher indígena, Mulher amazônica e Raízes. Na categoria Apoio, a pesquisa agrupou as postagens referentes as redes de apoio as quais Moara procurava tecer e visibilizar, assim, nesta categoria podemos ver sobre luta pela terra e incentivo a cultura. Na categoria Artista reunimos as manifestações artísticas de Moara, que estiveram intimamente relacionadas a sua retomada ancestral e sua luta pela presença feminina na arte. Em relação a categoria Conhecimentos reunimos postagens que apresentassem informações que representassem um resgate identitário através de conhecimentos como o saber de fazer farinha ou a casa de taipa. Família é uma categoria que surge a partir do projeto de busca ancestral de Moara, na qual ela apresenta suas relações parentais para investigar as passagens passadas de sua família. Mulher indígena

é uma categoria que procura mostrar a vivência da mulher indígena através das postagens de Moara. Mulher Amazônida, esta categoria emerge a partir da análise do perfil e esta descreve a vivência da mulher amazônida, mulher que mora em uma das regiões que corresponde a floresta amazônida, porém especificamente da região norte do Brasil. A categoria Raízes surge a partir de uma fotografia de Moara deitada sob pedras e raízes, então, tudo o que tivesse uma raiz no passado entrou nesta categoria. Elementos que dialoguem com retomada ancestral, com memória, com descolonização de ideias... Enfim, estes serão vistos nesta categoria, o que não necessariamente se fecha nela, pois quase todas as categorias da análise do perfil da Moara tem uma ligação com os três pontos apresentados acima, porque Moara sempre expressa sua ancestralidade em tudo o que constrói.

As categorias com postagens encontradas no período analisado para o perfil de Gustavo foram: Artista e Histórias. A categoria Artista apresenta a identidade artística de Gustavo, que possuem elementos que conversam com a sua identidade, sua história e assim a arte se mostra uma ferramenta de expressão muito presente no universo de Gustavo. A categoria Histórias surge destes primeiros momentos de Gustavo em 2020, onde fala sobre um ano novo especial e apresentam-se memórias resgatando a relação com a ancestralidade étnica.

As categorias contempladas com postagens para o perfil de Wes foram: Artista e Família. As categorias designadas para Julie Dorrico foram: Artista, Conhecimento e Histórias. A categoria Histórias reuniu a produção de contos fictícios resgatando os conhecimentos dos indivíduos a respeito de suas etnias e vivências no contexto urbano.

Figura 1 – Postagem da categoria Raízes



Fonte: @moarabrasiltupinambá

As categorias, construídas como uma forma de organização das postagens para tratamento analítico posterior, se mostraram complexas, uma vez que as narrativas presentes poderiam ser facilmente enquadradas em mais de uma. A decisão, então, passou pela subjetividade e escolha das pesquisadoras durante o processo. A análise do conteúdo e análise do discurso permitiram a identificação de pistas para entendimento dos valores e traços culturais importantes nesse contexto de relação com as origens étnicas dos sujeitos. As narrativas, como construções que significam o mundo vivido, também significam o sujeito e influenciam o processo de identificação em constante transformação. Esse sujeito, complexo e multifacetado, se mostra conectado com os dispositivos da cultura digital e suas performances midiáticas programadas. Obedecendo às lógicas (inclusive algorítmicas) da plataforma Instagram, os perfis adotam as hashtags (marcadores de termos e palavras-chave para identificação e rastreabilidade do conteúdo) em várias postagens. Além disso, as fotografias parecem obedecer a um “padrão” de imagens vigentes e/ou aceitas na plataforma (que exclui imagens onde apareçam mamilos, considerados ofensivos pela política do Instagram). Essas performances midiáticas demonstram, por meio desses detalhes e nuances, o acoplamento tecnológico que se dá não apenas pelo uso, mas pela apropriação e adoção de tais regramentos e padrões comportamentais orientando tais ações de produção de conteúdo na plataforma.

Figura 2 – Postagem da categoria Arte



Fonte: @gustavo.caboco

A arte se apresentou durante as análises como uma potente ferramenta de expressão, onde podíamos ver um exercício de representatividade, de autoconhecimento,

de conexão ancestral e expressão da vivência indígena nos conteúdos postados. As artes de Moara em sua série de colagens tocam no seu sentimento de reconexão, de reconhecimento, uma vez que ela fala sobre ter criado suas artes em um momento de reencontro com sua feminilidade indígena com Pachamama. Gustavo destaca elementos de sua história de vida na fase tribalizada, como a banana, representando o que era abundante para um povo indígena de sua etnia e que depois se tornou rara em seu cotidiano. Ele reforça estes esses elementos em suas artes como uma forma de traçar um ponto de início ou isso que chamamos de retomada da relação com a ancestralidade.

Figura 3 – Postagem da categoria Arte



Fonte: @gustavo.caboco

Por fim, apontamos para a importância da comunicação imagética, via telas de smartphones e aplicativos de interação social, como importante elemento da cultura digital contemporânea, que atualiza os processos de identificação dos jovens, incluído nesse contexto aqueles identificados como indígenas. O próprio termo passou a ser adotado como natural para a designação desses povos originários, sem grandes contestações, apesar de encontrar sua origem no erro de designação dado pelos viajantes europeus em seu destino às Índias (continente asiático) nos séculos XV e XVI. Ainda assim, a resistência e a luta por reconhecimento, por desconstrução dos estereótipos e pela atualização das condições de vida dos jovens indígenas se faz presente nos discursos. A plataforma Instagram se mostra profícua à produção de conteúdo midiático e sua circulação por parte desses jovens. A comunicação imagética é, sem dúvida, predominante entre os perfis analisados, não permitindo que se possa ter certeza se essa

condição é derivada da característica da própria plataforma ou da opção subjetiva desses sujeitos.

O artigo aqui apresentado procura demonstrar como se dão as atualizações sobre a questão indígena e suas identidades, a partir do estudo sobre comunicação imagética por meio de televisualidades (visualidades e visibilidades a distância) em múltiplas telas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é ser contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise do conteúdo.** 2ª ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

GOMES, Melissa. **Outros olhares sobre a questão indígena na amazônia: Cultura e identidade na realidade dos índios na cidade,** 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los médios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia.** 2ª ed. Barcelona: Gustavo Gilli, 1991.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso: história e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX – o espírito do tempo.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Ciência com consciência.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as epistemologias do sul**: antologia essencial – para um pensamento alternativo de alternativas. V.1. Buenos Aires: CLACSO, 2018. Disponível em:

_____. **Construindo as epistemologias do sul**: antologia essencial – para um pensamento alternativo de alternativas. V.2. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

_____. **Derechos humanos, democracia y desarrollo**. Bogotá: Centro de estudios de derechos, justicia y sociedade, dejusticia, 2014.

_____. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: Ediciones Trilce, 2010.

OROZCO, Guillermo. Medios, audiencias y mediaciones. In **Revista Científica Comunicación y Educación** - Comunicar. N.8, 1997. Disponível em <https://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=8&articulo=08-1997-06> . Consultado em 08/07/2021.